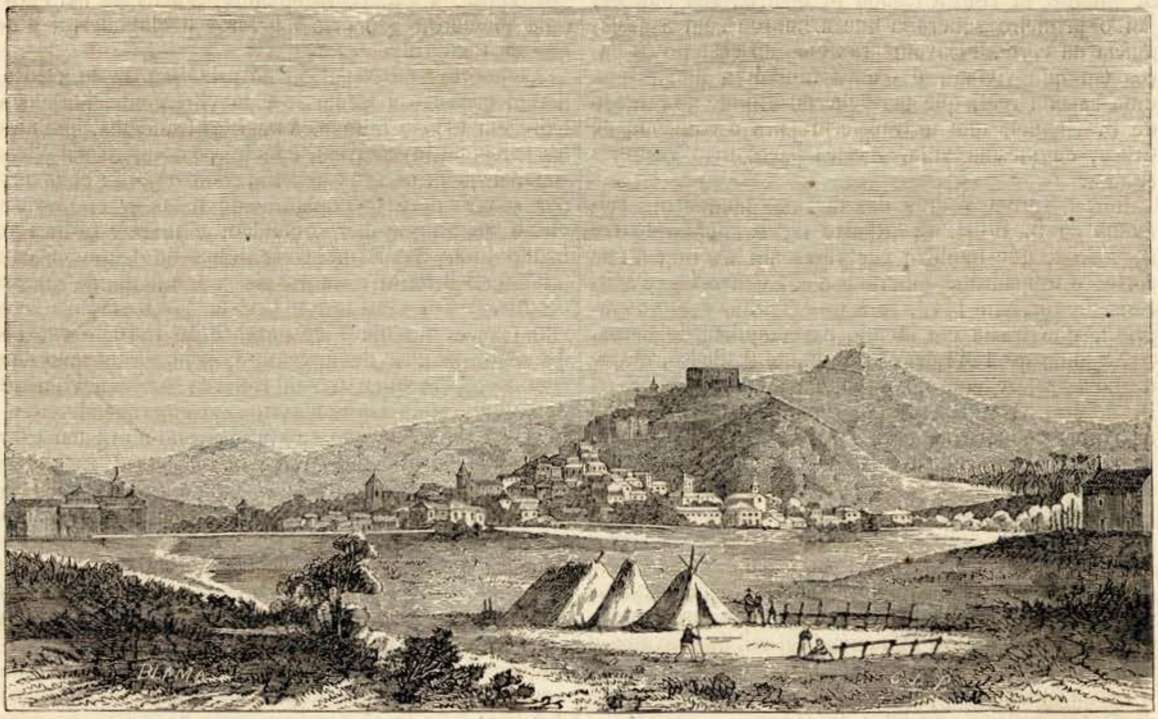


Villa de Torres Vedras

I

Em nobreza de antiguidade e em brazões historicos, poucas villas da Estremadura podem competir com Torres Vedras. A sua origem, por muito remota, é inteiramente desconhecida, a não se querer dar credito a noticias que, por falta absoluta de titulos que as auctorisem, se devem ter na conta de fabulosas. Pouco importa, porém, essa escuridão dos tempos, pois que é bastante para honra e lustre dos seus annaes datar a sua existencia conhecida da epocha em que os romanos dominaram na Lusitania. Abonam essa ancianidade quatro lapidas com inscripções latinas, descobertas nas suas cercanias; e das quaes se conservam tres, duas na quinta chamada *da Rainha*, na freguezia da Carvoeira; e a terceira embebida na parede exterior da egreja parochial de Matacães, ao lado da porta travéssa.

Vê-se d'estas inscripções, que no local agora occupado por Torres Vedras houve uma povoação de alguma importancia no tempo dos romanos, embora se não saiba o nome que então lhe davam.

Depois da conquista da Lusitania pelos barbaros do norte, destruidores do imperio dos cesares, começou a figurar na historia aquella terra com o nome *Turres Veteres*. Ignora-se qual dos povos conquistadores lhe deu este nome. É provavel que fossem os godos ou os visigodos, pois que foram estes que a final sujeitaram toda a peninsula iberica ao seu dominio, que por longo tempo desfructaram. Porém d'aquelle proprio nome se deduzem argumentos em favor dos que julgam que esta villa não só existia sob a dominação romana, mas até era uma povoação importante. Aquellas palavras *Turres Veteres* em latim barbaro, que querem dizer *Torres Velhas*, indicam, sem duvida, que no governo dos godos havia alli fortificações antigas, que não eram propriamente um castello, porquanto aos castellos que os romanos edificaram, e de que restam não poucos vestigios por todo o nosso paiz, sempre se lhes conservou o nome de *castrum*, com que os fundadores os designavam, ao diante corrompido no vocabulo *crasto*, que ainda tem ao presente. Estas razões, conjunctamente com as inscripções citadas, são o principal fundamento da opinião acima referida. D'aquelle latim corrompido se originou, com pouca alteração, o nome actual de *Torres Vedras*. Tambem dizem que o de *Turres Veteres* tivera principio para differença de outra povoação já existente n'aquella epocha, e que ainda hoje chamâmos *Torres Novas*.

D'esse periodo de 140 annos, em que esteve sujeita aos godos e aos outros invasores da Lusitania, nada se sabe, nem do que passou sob o jugo dos moiros. A sua historia começa a aclarar-se logo depois da fundação da monarchia portugueza.

Rendidas Santarem e Lisboa ás armas triumphantes de D. Affonso Henriques, não se demorou o vencedor em estender o seu poder pelo restante da Estremadura, que acabou de subjugar pelos annos de 1148. Torres Vedras foi uma das povoações que lhe oppoz maior resistencia, auxiliada pela fortaleza dos seus muros. A pertinacia da defesa apenas serviu de excitar o ardor e accender mais o odio dos christãos, que na sua entrada passaram ao fio da espada os moiros que não procuraram a salvação na fuga. A povoação ficou reduzida a um montão de ruinas.

Acalmados os animos depois da embriaguez da victoria, mandou el-rei D. Affonso Henriques reconstruir os edificios, levantar de novo a cêrca de muralhas, e povoar a terra com familias christãs. E lançando mão dos meios então usados para attrahir alli moradores, concedeu muitos privilegios e isenções aos que viessem habital-a. Não obstante tudo isto, foi D. Affonso III quem lhe deu o primeiro foral em fórma regular, de que ha noticia, por carta datada de Evora aos 15 de agosto de 1228. El-rei D. Manuel reformou este foral,

confirmando-lhe todos os privilegios em 1 de junho de 1510.

Residiu por varias vezes em Torres Vedras el-rei D. Affonso III com a rainha D. Beatriz, sua mulher. Foi o primeiro soberano que a honrou com a assistencia da corte. Ficavam proximos do castello os paços em que viviam, e n'elles fundou a dita rainha uma capella real, que permaneceu alli até ao reinado de D. Manuel, que a transferiu para o convento da Graça, da mesma villa. D'estes paços nem vestigios restam.

Gozou Torres Vedras das mesmas honras nos reinados de D. Diniz, D. Affonso IV, D. Fernando I e D. João I, que tambem por vezes alli tiveram a sua corte; e este ultimo soberano n'ella convocou os seus conselheiros, em 1413, para os consultar sobre a empreza, que trazia em mente, da conquista de Ceuta.

No anno de 1441, sendo o infante D. Pedro, duque de Coimbra, regente do reino, na menoridade del-rei D. Affonso V, seu sobrinho, reuniram-se n'esta villa as côrtes convocadas para resolver a questão do casamento del-rei com a infanta D. Isabel, sua prima, filha do regente.

N'esse mesmo seculo, correndo o anno de 1493, e vindo el-rei D. João II passar tres mezes em Torres Vedras, aqui recebeu com toda a solemnidade uma embaixada do rei de Napoles, portadora de magnificos presentes. Tambem durante aquelles tres mezes alli chegou e obteve audiencia del-rei um cavalleiro muito afamado, por nome mr. Leon, que veiu offerecer-se ao monarcha portuguez para o servir com trezentas lanças nas emprezas de Africa.

No anno de 1496 brilharam outra vez no seu seio os esplendores da côrte, presenciando duas funcções apparatosas de bem differente natureza. Achando-se n'esta villa el-rei D. Manuel, que subira ao throno no anno antecedente, aqui fez celebrar sumptuosas exequias no primeiro anniversario da morte del-rei D. João II, seu primo. E passados poucos dias, trocados os crepes em galas, ahi fez a sua entrada solemne e foi recebido com grande pompa um embaixador enviado pela poderosissima republica de Veneza, ao qual el-rei D. Manuel concedeu muitas honras e mercês, contando-se pela maior de todas armal-o cavalleiro com as suas proprias mãos em acto publico, assistido da sua côrte, e no meio de todos os esplendores da realeza.

Tornou a visitar Torres Vedras el-rei D. Manuel nos annos de 1497 e 1518. Seu filho, el-rei D. João III, que lhe succedeu na corôa em 1521, indo alli passar algum tempo em 1525, creou esta villa cabeça de comarca.

Os brados patrioticos que acabaram com o jugo de Castella, acclamando em Lisboa D. João IV no primeiro de dezembro de 1640, foram logo repetidos em Torres Vedras, apesar de ser o alcaide-mór do seu castello mui dedicado aos interesses de Filippe IV.

Na lucta que se seguiu a esta gloriosa revolução, foi aquella villa uma das povoações do reino que mais briosa e generosamente se prestou a todo o genero de sacrificios que as circumstancias e necessidades publicas exigiam. E quando el-rei D. João IV a visitou, no seu regresso da praça de Peniche, manifestou o seu amor da independencia, e o seu affecto e lealdade á augusta casa de Bragança, acolhendo o soberano com incrivel enthusiasmo, e com extraordinarias festividades, que ficaram por largo tempo memoradas. Hospedou-se o monarcha, durante os tres dias que esteve na villa, em casa do prior de S. Pedro, contigua á mesma egreja. Dos paços velhos pouco restava então; e os chamados *novos* achavam-se em muita ruina.

Honraram tambem esta villa com a sua presença os reis D. João V, D. José I, D. Maria I e D. Pedro III com toda a familia real; o principe regente, D. João, por duas vezes, em 1797 e 1806; a rainha sra. D. Maria II, de saudosa recordação, e seu esposo, el-rei o sr. D. Fernando II; el-rei o sr. D. Pedro V, e a rainha sua esposa, a sra. D. Estephania, ambos de tão chorada memoria; e o principe Jorge de Inglaterra, duque de Cambridge.

As guerras de Napoleão no principio d'este seculo deram occasião a tornar-se esta villa conhecida e celebre em todo o mundo. As aguias francezas, que antes pareciam invenciveis, e os loiros do marechal Massena, a quem os seus appellidavam *anjo da victoria*, por sair sempre triumphante de todas as emprezas, viram quebrar-se-lhes o condão, e marear-se-lhes o brilho junto das formidaveis linhas de defesa da capital, que ficaram memoraveis com o nome de *linhas de Torres Vedras*. Chegou á vista das linhas o exercito francez no dia 7 de outubro de 1810, e em 14 do seguinte mez de novembro, sem ter ousado dar combate, principiou a sua retirada sobre a villa de Santarem, onde permaneceu, sem emprehender operação alguma, até que se viu obrigado a evacuar esta fortissima posição militar em março de 1811.

Em nossos dias tornou esta villa a adquirir celebridade por uma rija batalha que alli se pelejou, vindo acabar nas suas proprias ruas. Porém d'esta vez foi bem triste a sua celebridade, porque ambos os exercitos contendores eram de portuguezes, tornados inimigos pelas discordias civis. De um lado commandava em chefe, em nome da rainha, o marechal do exercito duque de Saldanha, que alcançou a victoria em 22 de novembro de 1846; e do outro lado era commandante das tropas da junta revolucionaria do Porto o tenente general conde de Bomfim, que ficou prisioneiro com a maior parte dos seus soldados. Entre as muitas perdas que o paiz teve a deplorar n'este dia, conta-se a de um dos seus filhos mais benemeritos e mais illustrados, o ex-ministro e tenente coronel de engenheria Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque.

O senhorio da villa de Torres Vedras por muito tempo fez parte dos dotes das nossas rainhas ou infantas. Possuiu-o primeiramente a rainha D. Beatriz, mulher del-rei D. Affonso III, seguindo-se a esta na mesma posse as rainhas Santa Isabel, esposa del-rei D. Diniz; D. Leonor Telles de Menezes, mulher del-rei D. Fernando I; D. Filippa de Lencastre, mulher del-rei D. João I; D. Leonor, esposa del-rei D. Duarte; D. Leonor, mulher del-rei D. João II; D. Isabel e D. Maria, primeira e segunda mulher del-rei D. Manuel. Desfructaram egualmente este senhorio as infantas D. Isabel, duqueza de Borgonha, filha del-rei D. João I; D. Isabel e D. Maria, filhas del-rei D. Manuel; e uma filha natural, mas legitimada, del-rei D. João IV, chamada D. Maria, que viveu recolhida no convento das freiras de Carnide, que reedificou, e n'elle jaz.

Além das princezas mencionadas, foram tambem senhores d'esta villa dois particulares: o primeiro, chamado João Affonso da Moxica, fidalgo castelhano, por mercê del-rei D. Fernando, antes do seu casamento com D. Leonor Telles; o segundo, D. Fernando, arcebispo de Braga, a quem el-rei D. Affonso V fez aquella doação.

Pertenceu a differentes familias a alcaidaria-mór de Torres Vedras até ao reinado de D. Affonso V, que a deu a D. João de Alarcão e seus descendentes, por este ter casado com a filha herdeira de Gomes Soares de Mello, reposteiro-mór, cujos serviços recompensou aquelle soberano dotando-lhe assim a filha. Porém, tendo D. João Soares de Alarcão e Mello seguido o partido de Castella, quando rebentou a revolução de 1640, foram confiscados os seus bens, sendo tambem despojado de todas as honras. Vagando, portanto, a alcaidaria-mór de Torres Vedras, foi dada, em galardão de serviços prestados á causa da independencia do reino, á familia dos Camaras Coutinhos,

cujo representante actual é o sr. D. Gastão da Camara Coutinho Pereira de Sande, primeiro conde da Taipa.

Logo depois de se ter feito acclamar rei de Portugal, por morte de seu tio o cardeal rei D. Henrique, D. Antonio, prior do Crato, nomeou a Manuel da Silva, seu parcial, conde de Torres Vedras, mercê que não teve effeito, porque o mesmo D. Antonio foi d'ahi a pouco vencido pelos exercitos de Castella, e expulso do reino. Tambem D. Filippe IV de Hespanha recompensou a adhesão que lhe consagrára o referido D. João Soares de Alarcão e Mello, dando-lhe o mesmo titulo, e depois o de marquez do Trocifal, que desfructou em Hespanha, por lhe serem dados depois da acclamação del-rei D. João IV.

Por decreto de 17 de dezembro de 1811, o principe regente elevou ás honras de marquez de Torres Vedras a Arthur Wellesley, que poucos mezes antes creára conde de Vimieiro, que mais tarde foi feito duque da Victoria, em Portugal, e em Inglaterra duque de Wellington, e que era então commandante em chefe dos exercitos alliados anglo-lusos na defesa das linhas de Torres Vedras. É actualmente segundo marquez de Torres Vedras o filho primogenito d'aquelle celebre general.

No antigo regimen gozava esta villa da prerogativa de enviar deputados ás côrtes, os quaes tinham assento no setimo banco. Tem por brazão de armas um castello de oiro com tres torres em campo verde.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 355)

Pedro, que ouvira fallar da carta que sua mãe recebêra da America, veiu ter ao sitio onde estavam ainda todos.

— Meu filho! exclamou Theresa, falleceu o nosso bemfeitor, deixando-nos em herança o palacio e oito contos de réis em dinheiro.

— Morreu! — exclamou Pedro com accentuação de profunda tristeza.

E sua mãe dirigiu-se a elle e apertou-o nos braços exclamando ao mesmo tempo:

— Bem dizia eu que o meu filho não era mau!

Uma alegria infinda illuminou as angelicas e pallidas faces de Rosa.

Notára a joven, como a pobre Theresa, que Pedro, antes de pensar no legado, pensára no legatario para chorar a sua perda.

— Morreu, sim, disse uma das visinhas, mas os luctos com pão... Já são ricos, Pedro, já são ricos!

Foi então quando Pedro pensou na herança.

— Minha mãe! — exclamou radiante de jubilo: acabaram as minhas tristezas: posso realisar o meu eterno sonho de percorrer o mundo!

Ouvindo estas palavras, Theresa exhalou um profundo suspiro, e ella e Rosa caíram, trespassadas de dor e chorando lagrimas de sangue, sobre o poial que estava á porta da casa.

Eram ambas n'aquelle instante mais desventuradas e pobres que nunca!

VI

Temos Pedro com um pé no estribo, disposto a emprehender a viagem universal com que principiára a sonhar assim que viu a alma *regenerar-se-lhe* na bibliotheca do americano.

Encontrará o paraiso de seus sonhos nos paizes que vae percorrer? As montanhas da Suissa, os castellos feudaes da Allemanha, a philanthropia ingleza, os monumentos da cidade eterna, as mulheres do Oriente, as ruinas de Athenas e as instituições do novo continente, parecer-lhe-hão tão bellas de perto como de longe? Os seus olhos, que de longe poetisam tudo, vulgarisarão tudo de perto?

Sigamol-o na sua viagem espiando e analysando as commoções do seu coração, porque o nosso estudo, embora superficial e falto da philosophia que requer, não será inteiramente inutil, hoje que tanto abundam as almas não comprehendidas, hoje que tão singular interpretação se dá ás palavras de Jesus: «Ninguem é propheta na sua patria.»

Pedro dispunha-se a deixar o valle nativo. Ninguem se oppunha á sua partida, porque se haviam convencido de que os seus conselhos, as suas supplicas e as suas lagrimas não bastavam para quebrantar uma resolução deliberada, e porque o sr. prior, o mais conhecedor do coração humano entre os habitantes do valle, assegurára que na homœopathia, no *similia similibus curantur* dos medicos, estava a unica esperança de curar Pedro.

Choram todos na despedida, mas elle conserva-se tranquillo. Sua mãe entrega-lhe uma reliquia para o proteger de qualquer perigo; e Rosa, ao apertar-lhe a mão, mette no dedo minimo do mancebo um modesto annel, onde estão alguns cabellos de suas doiradas tranças.

Foi então unicamente que uma lagrima assomou aos olhos de Pedro, provando que o seu coração não morrêra para a mãe, nem para a sua amada.

Ignacio, excellente rapaz que nunca perdêra de vista o valle sem sentir o coração oppresso de tristeza, acompanha-o até Bilbao, d'onde Ignacio regressará a casa, e Pedro, provendo-se do necessario, continuará a sua viagem.

Afastam-se do concelho chegando a uma collina, onde vão perder inteiramente de vista o alvo campanario da aldeia, escondido entre nogueiras e cerejeiras. Ignacio, que vae fazer uma viagem de cinco legoas, desvia o olhar, pára e leva o reverso da mão aos olhos arrasados em lagrimas. Pedro, que vae percorrer o universo, olha-o, e solta ruidosas gargalhadas.

Dizes que as lagrimas de Ignacio, embora filhas de uma sensibilidade algum tanto exaggerada, eram perolas de valor inestimavel? Não te direi que sim, nem te direi que não; porém sabe que prefiro a ternura da ignorancia á sequidão da sabedoria. No caminho de Bilbao vão duas civilisações: a dos valles e a das cidades. Escolhe a que mais te agradar, que eu procuro uma que tenha por pedestal um livro, e por corôa um feixe de espigas.

Aproximava-se Pedro ao extremo dos Pyrenéos. Ia evocar em Roncesvalles as sombras de Bernardo del Carpio, de Carlos Magno e seus doze pares! Ia ouvir a bozina de Roldão! Ia contemplar as alvejantes ossamentas das desbaratadas legiões dos francos! Ia ver erguer-se, illuminada pelo sorriso do triumpho, a magestosa figura d'aquelle bravo *echeco-jauna* do *Canto de Altovizcar!* Ia, em fim, encontrar enredadas nos espinhos as dobras do manto vermelho do imperador dos francos!

— Digam-me, perguntou a uns trabalhadores em Roncesvalles, onde se deu a famosa batalha?

— Que batalha? — perguntaram os trabalhadores com admiração.

— Aquella em que o filho de Jimena fez fugir sem manto nem corôa o arrogante imperador dos francos.

Os trabalhadores encolheram os hombros como se lhes fallassem em grego.

— Ah! — exclamou por fim um d'elles: vê aquelle monte fendido pela estrada? Segundo contam os antigos, alli houve uma grande batalha no tempo dos moiros.

Pedro continuou o caminho murmurando:

— No tempo dos moiros! Que homens tão ignorantes e tão vulgares!... Bem se conhece que ainda estou entre hespanhoes.

Chegando ao pé de Altovizcar, perguntou a um rapaz que apascentava uns bois no prado junto da estrada:

— Onde está o desfiladeiro que chamam a bozina de Roldão?

— Vê aquellas rocas negras? É alli.

— Queres guiar-me até lá, dar-te-hei boa recompensa.

— Ainda que me désse o oiro do mundo, respondeu o rapaz, não o acompanharia, nem ninguem no valle o acompanhará.

Pedro não quiz demorar-se para ouvir a explicação d'estas palavras, porque logo se convencêra de que em quanto se dirigisse a hespanhoes só ouviria sandices e vulgaridades.

Chegou, em fim, ao sitio onde presumia ter-se dado a grande batalha; mas necessitava de um guia para se não expor a tomar o bramido de alguma vacca pelo soído da bozina de Roldão.

Uns pastores estavam jantando ao pé de umas arvores, e encaminhou-se para elles.

— Dão-me conhecimento, lhes disse antes de chegar, do sitio em que foram derrotados os doze pares de França?

Os pastores, por unica resposta, proromperam em imprecações contra os hespanhoes; tomaram cada qual o seu cajado, e arremessaram-se com gesto ameaçador contra Pedro. Este, vendo que a coisa não corria bem, poz os pés em polvorosa, deixando cair a capa e o chapeo, como Carlos Magno o manto e a coroa.

Os pastores continuaram após elle, e ia por certo render-se, extenuado de cançaço e com as mãos e a cara ensanguentadas pelo roçar das sarças, quando veiu em seu auxilio um homem que, armado de espingarda, andava por alli á caça, e que afugentou os pastores, ameaçando-os com um tiro se não retrocedessem.

— Entre que gentes estamos, senhor! — exclamou Pedro. Pergunto a esses barbaros onde foram derrotados os doze pares de França, e erguem logo contra mim os cajados como se lhes chamasse judeus! Na minha aldeia responde-se desabridamente aos forasteiros, mas dar-lhes-hiam a alma e a vida se d'ellas carecessem.

— Não deve v. s. estranhar o que fizeram esses rusticos. São francezes, e os hespanhoes todos os dias lhes queimam o sangue com a historia dos doze pares de França e de Carlos Magno. Nos ultimos dias exactamente foram mais insultados que nunca, e julgaram que v. s. vinha repetir o insulto.

— O que eu queria era percorrer com guia esses sitios, que encerram tamanhas recordações historicas. Se v. s., que procedeu tão bem para commigo, quizesse acompanhar-me, far-me-hia novo favor, que lhe agradeceria tanto como o primeiro.

— Deixe-se de pensar em tal, porque só encontraria ahi rochedos e silvas; e expor-se-hia, além d'isso, a que esses rapazes pensassem que effectivamente v. s. tratava de insultal-os, e talvez a minha espingarda não podesse então defendel-o.

— Mas a historia das viagens falla a cada instante dos perigos com que os viajantes arrostaram em uma util investigação archeologica, ou botanica, ou simplesmente para satisfazer a sua curiosidade. Ahi tem v. s. o seu compatricio Chateaubriand, que desceu á cratéra do Vesuvio.

— Qual cratéra, nem qual historia!... Se vamôs a fazer caso de tudo o que se escreve!... Pelo que vejo, v. s. viaja com o fim de se divertir?

— De me divertir e instruir.

— Pois então volte á esquerda e desça a Bayona, porque ámanhã começa alli a feira, e verá o que é bom.

Pedro decidiu-se, em fim, a seguir o conselho do caçador, e chegou, sem parar, a Bayona.

Quanto mais se avisinhava d'esta cidade, mais lhe chamavam a attenção as infinitas raparigas que se dirigiam tambem a Bayona, ostentando formosissimas tranças, cuidadosamente penteadas e enfeitadas com vistosos laços.

Ajustando quarto em uma hospedaria, saíu a visitar a cidade.

Víra da sua habitação uns homens que percorriam as ruas com uns grandes sacos ao hombro, gritando:

— Quem corta! quem corta!

Aquelles homens e estes gritos excitavam-lhe vivamente a curiosidade. Ao atravessar uma praça, vendo uns magotes de camponezas e homens simlhantes aos que chamavam a sua attenção, dirigiu-se para elles.

O filho das nobres Encartações, onde o que escreve estas paginas víra adoecer uma menina e morrer de tristeza por ter perdido os seus formosos cabellos; onde duas compridas tranças inspiram mais vaidade ás donzellas que todas as riquezes do mundo; onde o esposo sente tanto prazer chegando aos labios uma formosa trança de cabello, como aproximando-os de uma rosada face, e onde o cabello feminino se considera como o estillicidio da intelligencia que reside na cabeça, á qual serve de coroa; o filho das Encartações viu com horror que uma porção de louçãs e lindas aldeãs consentia, sem dor, e por alguns francos, que umas hediondas tesoiras, empunhadas por mão ainda mais hedionda, lhes despojasse a cabeça dos cabellos doirados como fios de milho, ou negros como o azeviche!... E o que mais o assombrou, e indignou até, foi a fria indifferença com que as mães e os noivos d'aquellas raparigas presenciavam tão barbaro sacrificio.

Lembrou-se então Pedro do que nós recordámos; lembrou-se do infindo orgulho com que na sua aldeia as mães cuidavam dos cabellos das filhas, e os mancebos contemplavam as tranças de suas amadas; lembrou-se das formosas tranças, unidas no extremo inferior com um laço de fita azul celestial, que pendiam da linda cabeça de Rosa, e levou aos labios, commovido, o annel que lhe offerecêra esta pobre menina.

Afastando os olhos d'aquelle espectaculo, para elle repugnante, voltou á hospedaria, resolvido a sair immediatamente da cidade. Ainda mais: decidiu-se a não se demorar no solo francez, apesar de que a donzella de Orleans e os heroes de *Nossa Senhora de Paris* e do *Judeu Errante* desempenhavam grande papel no seu olympo.

— Explico perfeitamente o que me occorreu desde que pisei o territorio francez, disse Pedro ao sair de Bayona. É que em vez de começar a Africa na fronteira meridional franceza, começa na septentrional, e os francezes occultam-n'o por modestia.

(Continua)

RESPEITO QUE OS CHINS TRIBUTAM Á VELHICE

Á MEMORIA DOS SEUS ANTEPASSADOS E EM GERAL AOS MORTOS

Embora tenhamos por fabulosa a conta dos seculos que os chins dão ao seu imperio, é todavia certo que nenhuma das monarchias européas, por mais que blasone de seus antigos brazões, se póde comparar com a China em nobreza de antiguidade.

Em quanto a historia geral dos povos nos mostra por toda a parte, desde os mais remotos tempos, uma

continua successão de instituições, que se erguem e caem por effeito d'essa lucta incessante da humanidade na procura dos seus aperfeiçoamentos, apontanos a China como um exemplo de excepção a essa regra.

Alli o imperio tem atravessado de pé, firme e robusto, immensidade de seculos. N'esse extensissimo periodo tem-se succedido umas após outras grandes revoluções, e formidaveis invasões de inimigos, que tem feito baquear numerosas dynastias. Mas em todos esses cataclismos politicos tem sido respeitada e ficado victoriosa a instituição monarchica.

Deve haver uma causa especial e muito poderosa para que se dê um effeito tão extraordinario. É ha, certamente, e consiste em ter alli a monarchia por base o primeiro e mais solido fundamento da instituição da familia, qual é o amor filial e a obediencia aos paes. Esta virtude, que os chins acatam e estimam como origem fecunda de todas as outras virtudes sociaes, foi inoculada nos costumes por sábias leis, antiquissimas, mas sempre em vigor, as quaes estabelecem premios e honras a todos aquelles, de qualquer condição que sejam, que se distinguem por sua piedade filial; e applicam severos castigos aos que desconhecem um tal dever.

Foi sobre esta base que os legisladores chinezes estabeleceram a auctoridade do imperador, fazendo com que este fosse por todos considerado como verdadeiro pae dos seus vassallos.

Do amor filial, assim bebido com o leite como doutrina santa, e fortalecido na edade adulta pelos estimulos que a lei creou, nasceram naturalmente, e d'aquelle mesmo modo foram sanccionados como leis do estado, e consagrados como preceitos constitutivos da sociedade, o respeito para com a velhice e a veneração para com a memoria dos antepassados, e em geral para com os mortos.

Para honrar a velhice, e excitar por toda a parte,



Tumulo chinez em Pekim

e entre todas as classes, o respeito que se lhe deve, foi-lhe concedida a distincção mais honorifica que o soberano da China tem dispensado aos seus vassallos. É um verdadeiro privilegio, que consiste em poderem usar os chins que completarem 70 annos de edade, qualquer que seja a sua condição, roupas de côr amarella, o que é privativo das pessoas da familia imperial.

Chegados, pois, aos 70 annos, é pratica, se são ricos, convidarem para um lauto banquete todos os parentes e amigos, que vão pressurosos e alegres festejar a entrada do ancião na edade *veneravel*, e congratularem-se com elle por ter alcançado a suprema felicidade na terra, se porventura reuniu ás riquezas a dita de ter muitos filhos. Se a fortuna lhes correu adversa, fazendo com que recebessem aquella honra no seio da pobreza e da miseria, serve-lhes o distinctivo de muito conforto e amparo, porque desde logo se vêem alvo de attenções e respeitos, e caridosamente soccorridos em suas necessidades.

Se for passeiando por uma rua um mancebo de alta jerarchia, e encontrar um d'esses anciãos vestidos de amarello, por mais miseravel que seja o seu aspecto, parou o mancebo, e inclinou-se reverentemente para lhe offerecer uma esmola, ou para o deixar passar.

D'estes sentimentos para com a senectude resulta tambem um tão profundo acatamento pela memoria dos antepassados, que bem se lhe póde dar o nome de culto religioso, se é que não lhe cabe com mais propriedade o nome de religião de familia. Em prova d'esta verdade, não ha em todo o imperio uma só casa ou choupana alguma, por mais pobre e humilde que seja, que não apresente no melhor logar das suas paredes um quadro com os nomes das principaes pessoas da familia, desde aquella que reputam o tronco d'ella até ao mais proximo avô. Em casa dos ricos ha uma sala reservada, um como sanctuario de familia, destinado expressa e exclusivamente para conter os nomes, retratos e quaesquer reliquias dos parentes finados. Todas estas memorias se acham collocadas em um altar, que é magnificamente ornado, e allumiado noite e dia por várias lampadas, e perante o qual vem todos os membros da familia, em certos dias do anno consagrados a taes ceremonias, render homenagens ás cinzas de seus avós, queimando incenso, depositando offerendas sobre o altar, e prostrando-se por terra em demonstração de reverencia e saudade. Em fim, nenhum chefe de familia é capaz de tomar uma resolução em qualquer negocio ou caso importante da vida, sem ir meditar um pouco dentro d'aquelle sanctuario, como se consultasse os paren-

tes finados, convidando-os a tomar parte nos bens e males dos seus descendentes.

O esmero e cuidado que todos tem com os tumulos está em perfeito accordo com este culto. É muito curiosa a solemnidade chamada *tchang-feu* (festa dos defunctos), que se celebra no mez de abril. Ninguem deixa de tomar parte n'esses obsequios funebres. Adornam-se os homens, mulheres e crianças, e até enfeitam os animaes com ramos da arvore *chorão*, que é considerada na China como o symbolo da dor e da saudade. Assim preparados, vão visitar os tumulos e sepulturas de seus avós, e por essa occasião enfeitam-n'os com flores, cercam-n'os de tochas accesas e de brandões de incenso, guarnecem o solo em redor com tiras de papel doirado, e depositam em volta do mausoléo ou sepultura vasos e pratos cheios de iguarias delicadas.

Os tumulos são muito ornamentados, e geralmente feitos durante a vida das pessoas que hão de encerrar. Como os chins, em virtude d'esta especie de culto, não tem horror á morte, como succede a todos os outros povos, cuidam com desvelo e prazer nos preparativos da sua derradeira morada. Portanto, as familias abastadas tem um quarto junto da sala que encerra as memorias de seus avós, onde guardam, numerados e classificados, os tumulos que hão de servir para todos os individuos da mesma familia. Se esta não dispõe de muitos meios, trata de fazer economias para poder mandar fabricar tumulos tão bons como os das familias ricas. O melhor presente, e o mais bem acceite, que um filho extremoso póde offerecer a seu pae, velho e enfermo, é um mausoléo comprado com o producto do seu trabalho. D'est'arte, ficam sendo estes tropheos da morte como ornamentos da casa; e bem se prestam a isso, se attendermos a que são todos lavrados com graciosos lavores, ornados de doiraduras, e pintados com as mais alegres côres que se conhecem.

O rigor no lucto e a pompa nos enterros estão em harmonia com todas estas praticas e costumes. O lucto mais rigoroso é o de pae e mãe. Dura tres annos, e n'este longo espaço de tempo cumpre ao anojado viver recolhido. Não lhe é permittido fazer visitas, nem desempenhar as funcções de qualquer emprego publico; ainda que seja o de mandarim. A côr do lucto não é prescripta por lei, porém a mais geralmente usada é a branca.

É nas honras funebres que os chins poderosos fazem a maior ostentação da sua riqueza. Nenhum outro povo eguala o chinez no apparato e luxo de taes ceremonias. A magnificencia das tapeçarias com que armam as salas e porticos; a grande quantidade de musicos, encarregados de tocar marchas lugubres; a sumptuosidade e profusão dos banquetes que é de uso dar aos parentes e amigos do finado; as pompas de um immenso acompanhamento, em que se vêem numerosas bandeiras ricamente pintadas e bordadas, estatuas de divindades domesticas, especie de penates, conduzidas pelos bonzos, bandas de musica, coros de carpideiras, o carro funebre todo resplandecente de oiro e guarnecido de sedas de côres vivas e variegadas, e, finalmente, atraz de tudo, os parentes levados em ricas cadeirinhas; todo este fausto absorve sommas de dinheiro que algumas vezes deixa arruinadas familias ricas.

Não ha cemiterios publicos em Pekin. Os enterramentos da gente pobre são feitos nos campos visinhos da cidade. Mas nunca fica a sepultura sem algum signal bem caracteristico da saudade dos parentes do finado. Não se faz cova: o caixão é collocado sobre o solo, e coberto de terra até formar um montesinho, que, semeado de relva e flores, faz as vezes de tumulo; e os chorões com que o cercam symbolisam o saudoso pranto dos que ainda ficaram sobre a terra. Todavia, da falta de policia n'estes enterramentos resulta, não poucas vezes, um desacato ás cinzas dos mortos e um perigo para a saude publica; pois que, se sobrevem chuvas torrenciaes logo depois do enterramento, as aguas levam a terra que constituia o montesinho, e o caixão não tarda a desfazer-se, deixando a descoberto o cadaver, que as aves de rapina e os cães vão devorando, e o tempo consumindo.

Os enterramentos dos ricos fazem-se tambem geralmente nos arrabaldes, mas no meio de jardins mais ou menos grandiosos. Os mausoléos ou são de pedra ou de madeira. No primeiro caso, esbeltos e lindos arbustos estão sempre a espargir flores sobre o moimento. No segundo caso, abriga-os dos estragos do tempo pavilhões construidos com sumptuosidade e solidez.

Algumas familias estabelecem nas suas proprias residencias, em uma sala reservada, jazigo, se não para todos, pelo menos para os seus principaes membros. Para este fim fazem cobrir todo o caixão com uma especie de cimento, que endurece com o tempo, e que veda completamente a introducção do ar e as exhalações mephiticas.

A nossa gravura é cópia de outra que adorna o jornal *Le Tour du Monde*, onde tambem colhêmos, não todas, mas a maior parte das noticias que damos n'este artigo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A LITTERATURA NA AMERICA HESPANHOLA

(Conclusão. Vid. pag. 350)

VIII

Saíndo d'essa zona americana, que actualmente se debate nas garras de uma atroz discordia, onde o celebre Lopez, á testa das forças da pequena republica do Paraguay, está dando ao mesmo tempo um exemplo de energia no modo como se defende contra o Brasil, paiz que deveria ser tão poderoso como todas as outras republicas juntas, contra a confederação argentina e contra o pequeno estado do Uruguay, todos tres unidos em alliança offensiva e defensiva contra a pequena republica, e um exemplo de horrorosa crueldade no modo barbaro e selvagem por que tem até agora sustentado essa guerra; saíndo, pois, d'essa zona meridional onde lampejam os fachos terriveis da peleja despiedosa, sigamos a beira do Pacifico, e paremos na risonha republicasinha do Chili.

O Chili, como supponho já ter dito, é de todas as republicas hespanholas a que mais tem attendido ao desenvolvimento material. Talvez passassem para o animo dos actuaes habitantes d'essa terra as fortes e energicas tradições dos antigos araucanios: mas o que é certo é que o Chili avança rapidamente na estrada do progresso, apesar da sanguinolenta anarchia, que o não tem poupado mais do que aos outros paizes da America Hespanhola.

Com os olhos fitos, portanto, nas nações européas, que lhes dão o exemplo do adiantamento material, o Chili tambem pautou a sua litteratura pela d'esses povos que tentou imitar no desenvolvimento scientifico. Demais, o Chili está nas mesmas condições climatericas que a Europa. Tudo isso concorre para que, possuindo aliás muitos homens eminentes, não possua essa litteratura tão viçosa e tão robusta, planta regada com o sangue das guerras civis, e que a isso deve a feroz energia que a distingue.

Pois os seus poetas não soffreram menos perseguições que os argentinos. Dos seus quatro poetas mais notaveis, Matta, Blest-Ganá, Lillo, Sanfuentes, dois tiveram que soffrer atrozmente. Euzebio Lillo fugiu da sua patria para não ser fusilado, Blest-Ganá

foi condemnado á morte, e a muito custo obteve que lhe fosse commutada a pena em dez annos de desterro.

Mas no Chili os poetas não são tanto, como nas outras nações americanas, os tribunos das luctas sanguinarias, os enthusiasticos prophetas de um futuro radiante. O publico chiliano ufana-se mais da sua pleiade de sabios, de financeiros e economistas.

No Perú, e no Mexico da mesma fórma, a litteratura toma um aspecto differente do das outras republicas. O romance de costumes, o drama social, a comedia de observação, quasi desconhecida nos outros paizes, tomam aqui o passo á poesia que lá é o ramo litterario dominante. Explica-se bem esta particularidade. Estes dois nomes do Perú e do Mexico tem ainda hoje uma indizivel magia para os emigrados europeus. Quem diz Mexico diz oiro em pó, rochas de metal scintillante, riquezas nascidas a um sopro de fortuna, paiz dos sonhos, éden da opulencia. Quem diz Perú suscita logo a idéa dos galeões hespanhoes, vergando ao peso de thesoiros deslumbrantes; lembra as vastas minas de prata, as cavernas onde as paredes humidas suam stalactites de oiro, argenteas stalagmites. Por isso é sempre para Callao ou para S. Juan de Ulloa que singram os navios carregados de emigrantes que procuram a riqueza, quando não vão, tentados pela fama recente, ancorar na vasta bahia de S. Francisco da California. Dá isto em resultado, n'estes dois paizes, uma sociedade mesclada que tenta o observador, faz nascer idéas de lucro positivo que excluem o enthusiasmo da poesia. Eis o motivo por que abundam n'estas duas nações os romancistas, os dramaturgos, os auctores de comedias que tanto escasseiam nas outras republicas.

As tres republicas que ligam entre si a terra de Cortez e a terra de Pizarro, a Bolivia, o Equador e Guatemala, tem tambem uma litteratura propria, mas que não lança grande brilho. Em compensação, Venezuela, ou por causa dos seus immensos *llanos*, que tanta similhança tem com os vastos *pampas* de Buenos-Ayres, ou porque abunde muito em seu seio a raça mulata, raça fervida, susceptivel de grandes commoções, e capaz de sentir com ardor os arrobamentos do lyrismo, possue uma brilhantissima pleiade de poetas lyricos, entre os quaes avultam dois muito notaveis, Baralt e Firmin Toro.

Mas é na republica de Nova Granada, em Bogota, que disputa a Buenos Ayres o nome de Athenas americana, que a poesia rivalisa, se não vence a litteratura argentina. Effectivamente, á Nova Granada pertencem Vargas Tejada, Caro, Madiedo, e principalmente Arboleda, que Torres Caicedo considera como o primeiro poeta da America Hespanhola.

Esbocemos rapidamente a vida d'este escriptor, que, melhor do que tudo quanto podessemos dizer, dará aos leitores uma idéa das influencias que actuam sobre o genio dos poetas envoltos n'esse turbilhão que destroe e arrasa essas nobres e infelizes republicas.

IX

Julio Arboleda pertencia a uma familia já illustre nos tempos coloniaes, e que ainda mais se illustrou no movimento insurreccional, pela sua heroica dedicação á causa da independencia. É verdadeiramente um martyrologio a historia dos proximos ascendentes do grande poeta. Seu pae, indo cumprir uma missão que lhe fôra confiada por Bolivar, e sendo salteado pela febre, domou-lhe os excessos com o atroz remedio do arsenico, preferindo as consequencias fataes d'este curativo heroico a deixar de se desempenhar do encargo que lhe fôra commettido. Morreu em consequencia d'isso.

Os seus dois tios, Caldas, sabio botanico, e Miguel de Pombo, e seu primo Ulloa, foram passados pelas armas na praça de Bogota. Uma tia preferiu morrer a entregar-se aos hespanhoes. Muitos dos seus parentes morreram nos campos de batalha.

Imaginem o effeito que produziriam estas heroicas tradições de familia no animo juvenil e exaltado do futuro poeta. Sua mãe, da raça das Cornelias e das Filippas de Vilhena, contava-lh'as ao serão, com os olhos antes ardendo em varonil enthusiasmo, do que arrasados de lagrimas feminis, e a santa imagem da patria, o formoso vulto da liberdade, iam, depois d'esses serões ferventes, sentar-se á cabeceira do moço Arboleda, e inflammar-lhe o espirito em sonhos bellicosos.

Entrou muito novo na carreira politica, e a sua vida principiou logo a ser uma singular mistura de actividade e de socego, de agitação e de contemplação. Ora plenipotenciario junto dos governos estrangeiros, ora entregando-se á cultura das suas terras, escondido n'um Tibur delicioso, e escrevendo os cantos sublimes que lhe deram gloria.

O voto popular arranca-o do seu eremiterio e envia-o como representante a Bogota. Como Lamartine, como Garrett, o poeta revela-se eloquentissimo orador. Rebenta uma revolta, que o arroja dos pincaros da tribuna nas profundezas da masmorra. Novo motim lhe abre as portas da cadeia, nova reacção o persegue, e vae cercal-o a sua propria casa. Consegue fugir, reunir um exercito, marchar sobre a capital. Volta-lhe a fortuna as costas; são derrotadas as suas tropas, e elle condemnado á morte. Mas a fortuna, que primeiro o trahíra, de novo lhe sorri. Uma victoria que obtem muda a face dos negocios, e Arboleda entra em Bogota para subir ao Capitolio, em vez de subir ao cadafalso. Um golpe de estado dispersa o congresso, e Arboleda, baqueando na rocha Tarpeia, reconhece mais uma vez a verdade do dito de Mirabeau. Volta de novo á existencia dos acampamentos, e vê-se lançado n'essa guerra terrivel, em que as batalhas campaes á luz do dia mascaram as interpresas nocturnas. Vence a campanha, e é nomeado presidente do senado. Mas não tem muito tempo de socego, e a guerra civil de novo o chama ao seu seio tempestuoso, dando-lhe por adversario Joaquim Mosquera, seu parente. A final, depois de triumphos e de revezes, é assassinado no dia 12 de novembro de 1862, nos desfiladeiros de Berruccos.

No meio d'esta existencia aventurosa, entre os perigos constantes das interminaveis revoltas, achava Arboleda occasião de lançar ao vento as paginas soltas de admiraveis poesias. Podem pensar que sêllo tão caracteristico estamparia n'estas folhas dispersas o genio de fogo que lh'as inspirava. Era no meio d'estas vicissitudes de fortuna sempre esse *amour sacré de la patrie* cantado nas estrophes da *Marselheza*, que não abandonava tambem, na outra extremidade da America do Sul, os poetas argentinos entre os terrores da tyrannia. Era um enthusiasmo, uma cega adoração por essa formosa e desventurada America, vista sempre por elle não como o presente a fazia, mas como o futuro lh'a entremostrava na sua exaltada imaginação.

Arboleda escreveu um poema incompleto, *Gonzalo d'Oyon*, o typo, o verdadeiro typo da epopéa americana, que tomarei a liberdade de apontar aos poetas brasileiros, que parece que olham, sem as verem, para as paizagens da sua patria.

Traduzirei um trecho de uma descripção, e prefiro dal-a assim com todos os defeitos que na versão lhe causei, para que se não diga que é a pompa da lingua hespanhola quem dá a essa descripção o ardor tropical que nos transporta aos sitios que nos pinta.

Era um valle feliz! Ondeia a terra
em longas e suavissimas collinas,
cujos pincaros beija a doce aragem.
Em ondas de cristal desabam rios.
Sob as purpureas flores, manso e manso,
vão deslisando em placidos meandros.
O nobre Popayan, soberba fronte
ergue ao cabo do verde paraiso.

Campeia mais além, gigante ousado,
sublime Puracé, que arrosta os evos.
Dorme ás vezes, tranquillo repoisando
nas amplas faldas; cinge o cume erguido
d'alvos gêlos o nitido diadema,
que de roseo esplendor o sol inunda.
Outras vezes, envolto em bruma espessa,
ruge irado, e arroja aos ares turvos
o fogo que nas furnas lhe referve.
Agita o solo no potente arranco;
e dos ceos a extensão queima, enrubece
purpurea chamma que no ar ondeia.

Serras ao sul. Entre o fraguedo o vento
murmura baloiçando as bravas cannas.
N'esse immenso estuario brotam plantas,
que distillam peçonha como as viboras.
Brame a torrente na garganta estreita
que os seculos cavaram nos rochedos.

Nos bosques namorados que se espelham
nos limpidos cristaes das mansas aguas,
ou que a rugosa penedia forram
de várias zonas, o arvoredo viça,
as ramas enlaçando, a flor e o fructo.

Do firmamento no azul tão limpido
correm ás vezes nuvens tormentosas.
Então lampejam rapidos relampagos,
ruge o trovão ao longe no horisonte.
Agita o ar a electrica descarga,
brotam os furacões, desaba a chuva,
alaga-se a campina, o sol esconde-se,
e exhala a selva um lugubre soído.

Ensombra o espaço a rabida procella.
Treme o ceo quando os fulgidos coriscos
correm, serpeiam pela vasta abobada;
mas logo o sol renasce, as nuvens fogem,
jorro de luz tranquilla inunda os campos,
e a meiga viração, que passa languida,
nem o calix da flor beijando agita.

X

Finalisaremos esta revista fallando na perola das Antilhas, na ilha de Cuba.

A magnifica possessão, tão cubiçada pelos americanos inglezes e tão querida dos soberanos hespanhoes, a quem resta como consolação magnifica do immenso terreno que perderam, nem corresponde aos desejos dos *yankees*, nem consagra á Hespanha um grande affecto. O seu coração está com as suas irmãs do continente, e os seus poetas, que os tem em grande numero, aspiram com todo o ardor á liberdade, e soffrem tambem como ellas as perseguições dos que tyrannisam o seu paiz.

De dois escriptores notaveis se ufana Cuba, entre muitos. Um, o mulato Placido, foi fusilado em 1844. Ao outro, Heredia, coube o exilio. Se o talento d'este não tem os vastos recursos de Arboleda, o mimo de Mármol, a ousadia de Lozano, em compensação nunca o sol das Antilhas, combinado com a indole hespanhola, produziu espirito mais ardente, mais fogosa imaginação, mais heroica alma. Era elle que dizia, com toda a altivez castelhana e todo o ardor do homem dos tropicos, parando diante da cataracta do Niagara: «Deixa-me contemplar-te, sou digno de te ver.»

A sua *Ode ao furacão* respira uma energia, um fogo, um arrebatamento, de que poucos poetas poderão egualmente ufanar-se. Receiaria profanar essa composição sublime, tentando dar-lhe a fórma poetica portugueza. Reproduzirei alguns versos textualmente:

«Furacão! furacão! sinto que te aproximas, e no teu bafo ardente respiro inebriado o sopro do senhor dos ares. Véde-o, suspenso das azas do vento, percorrer o espaço immenso, ainda silencioso, mas assustador, mas irresistivel na sua veloz carreira! A terra, oppressa por uma calma sinistra e mysteriosa, contempla com assombro o terrivel meteoro... O sol, hesitante, envolve em tristes vapores a sua face gloriosa, e o seu disco ensombrado derrama um funebre clarão, que não é a noite, e que já não é o dia. Horrivel clarão, véo de morte! as aves tremem e escondem-se quando se aproxima o furacão rugidor; nas montanhas longinquas ouvem-n'o as florestas e respondem-lhe.

«Eil-o! Desdobra sobre a natureza o seu manto de terror. Saudo-te, gigante dos ares. O vento sacode e revoluteia as franjas entrançadas da sua tunica sombria. Os seus braços, que a pouco e pouco vão crescendo, enlaçam-se por cima do horisonte; baixam depois, e cobrem o espaço de uma a outra serra.

«Tudo trévas em torno! O sopro da tempestade ergue em turbilhões o pó das campinas. Por entre as nuvens rola o tremendo carro do senhor do trovão; chispa das rodas o rapido relampago que vem fulminar a terra, e inunda o ceo com seus lividos reflexos. Desaba a chuva em torrentes. Tudo é confusão e horror profundo. Ceos, nuvens, collinas, selva querida, procuro-vos em vão; sumistes-vos. A negra procella faz rodopiar nos ares um oceano que tudo sorve. Em fim, separâmo-nos, mundo fatal. Eu e o furacão estamos sós!»

Fica-se prostrado depois de ler um trecho d'estes. Que delirante phantasia não é a d'esse poeta que assim sabe descrever, pintar, e como que tornar palpavel esse cataclismo da natureza! E como se comprehende bem essa phrase audaciosa: «Eu e o furacão estamos sós»! Sim, poeta, porque esse furação de poesia póde afoitamente encarar o furacão dos ceos.

Já vêem, pois, que n'uma terra em que a litteratura tem aspirações tão férvidas e tão brilhantes recursos, ha vida, ha seiva, ha energia bastante para que se lhe possam prognosticar grandes destinos. Assim terminem breve essas fataes revoluções, que em luctas estereis gastam essa actividade de pensamento. Quando chegar a era abençoada, surgirá essa terra juvenil empunhando em vez do gladio o estandarte do futuro, e aquelle que tiver a gloria de realisar esses destinos poderá, ainda mais do que o grande Genovez, ufanar-se da sua obra, porque se este deu á humanidade um mundo opulento, o novo Colombo dar-lhe-ha um mundo grandioso e um povo sublime.

M. PINHEIRO CHAGAS.

D. João de Menezes, de quem já temos referido algumas anecdotas, era um fidalgo muito estimado na corte del-rei D. João III, tanto pelos dotes do espirito, como pelos do coração. Costumava elle dizer ás vezes, quasi como um estribilho, e sem dar explicação: «*Ha coisas que os homens cuidam que tem, e não tem.*»

Um dia, lembrando-se el-rei de lhe pedir que declarasse que coisas eram essas, respondeu promptamente D. João de Menezes, que eram quatro: *muitos amigos*, *muito juizo*, *muito saber e muita paciencia.* O soberano applaudiu muito o dito, e achou verdadeira a observação do experiente fidalgo.